

## A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DO AFRODESCENDENTE COM DEFICIÊNCIA<sup>1</sup>

*Carlos Vinicius Gomes Melo<sup>2</sup>  
Marilda Castelar<sup>3</sup>*

Esta pesquisa trabalha com foco nas estigmatizações históricas vivenciadas por pessoas com deficiência e que são afrodescendentes. Parte do pressuposto de que esses indivíduos sejam caracterizados negativamente, que pode ocasionar uma potencial fragilização na construção identitária individual e coletiva desses sujeitos.

Estigmas são marcas ou impressões físicas, sociais, comportamentais e/ou simbólica que indicam uma degeneração desumanizante, evidenciando uma patologia social. Este é um termo utilizado desde a Antiguidade e que até os dias de hoje vem servindo para categorizar e naturalizar as exclusões sociais (GOFFMAN, 2008).

Pessoas negras com deficiência física trazem em seus corpos o simbolismo de sua história, as marcas da exclusão, expressando aquilo que a sociedade acha execrável, o que é feio e negativo. Para focar esse duplo-estigma é necessário estarmos cientes da existem possíveis interfaces com outras formas de exclusão: de classe, educacional, trabalhistas, imagética, sexista, etc.,

Olhar para este público tem muita relevância, porque no contexto populacional brasileiro há cerca de 27 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, além disso, aproximadamente metade da população nacional se considera negra.

A importância torna-se maior ainda quando dirigimos nossa atenção para a cidade de Salvador, capital da Bahia, pelo fato de ser a cidade mais negra fora do continente africano, tendo 21,8% de população preta e 64,8% parda, ou seja, aproximadamente 87% de população afrodescendente (IBGE, 2004) e também, por ter 10% de contingente que representa as pessoas com deficiência (IBGE apud AZEVEDO, 2007). Por outro lado, torna-se necessário identificar e compreender os entraves histórico-sociais e as dificuldades na inclusão social, neste sentido Silva (2003) afirma

A análise do processo histórico de constituição dos saberes psicológico e psiquiátricos, no Brasil, no entanto, vai evidenciar que, se hoje essa relação da Psicologia com a temática poderia ser descrita como de omissão, o passado nos mostra uma posição ativa desses saberes na produção de uma descrição da realidade que justifica a inferiorização racial dos negros. As problemáticas construídas a partir da cultura afro-brasileira marca o início da produção das nossas ciências sociais (SILVA, 2003, p. 100).

A análise acima conduz este trabalho a identificar possíveis contribuições da Psicologia na inclusão social dos afrodescendentes com deficiência. Para tanto, nesta primeira etapa busca examinar o histórico científico, onde está inclusa a Psicologia, observando que este foi calcado no espírito do rigor reducionista e eurocêntrico nos ideais e

---

<sup>1</sup> Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na EBMSP – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública em Salvador – Bahia nos anos de 2008-2009

<sup>2</sup> Carlos Vinicius Gomes Melo - Aluno do 10º Semestre do Curso de Psicologia, Bolsista da FAPESB - Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - E-mail: cviniciusgm@gmail.com.

<sup>3</sup> Marilda Castelar – Psicóloga, Mestre em Múltiplos pela Unicamp, Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, Professora da EBMSP e orientadora da presente pesquisa de Iniciação Científica E-mail: marildacastelar@gmail.com

políticas progressivistas de sanitarismo eugênico, construindo uma determinação degenerativa associada à relação negritude e deficiência.

Pretende-se também analisar, até que ponto este duplo estigma pode potencializar a exclusão ou “inclusão perversa”. E com a Psicologia pode ser instrumento, comprometida com populações marginalizadas.

Em suma, coloca-se neste trabalho a importância da Psicologia e de seus profissionais se apropriarem e compreenderem que o racismo, assim como qualquer outro tipo de preconceito, que gere segregação ou discriminação, produz como consequência, o agravamento do sofrimento e abalos na saúde mental. O intuito deste trabalho é de que a Psicologia possa contribuir na busca de saídas mais efetivas para a erradicação dos efeitos desses atos na saúde mental desses indivíduos.

### **A importância da História e da relevância do passado**

A Psicologia nasce como articulação filosófica e as idéias encontram-se suas raízes na Antiguidade. Concomitantes a estas primeiras formulações sobre o saber psicológico, surgiam os primeiros relatos de impressões da civilização grega para com as civilizações dos povos escuros e para com as pessoas com deficiência.

Estas idéias passam depois pelas formulações criacionistas da Idade Média, onde a imagem e semelhança dos negros e deficientes eram relacionados à expressão das forças demoníacas. E também pelas impressões renascentistas do expansionismo europeu. Período que houve a construção de argumentações bíblicas para a escravização.

Nas teorizações iluministas, já científicas, dos séc. XVIII e XIX, com a explosão do positivismo, essas ciências analisavam o racismo pelas teorias monogenista e poligenista, afirmando uma elaboração lombrosiana, a teoria da degenerescência; conforme Costa (1989) loucura, retardo mental, deficiência física e propensão ao crime em geral seriam providas da imperfectibilidade de raças inferiores, de foco principal a raça negra. Essas idéias e ideais psico-sociológicos desembarcaram no Brasil com a mentalidade sócio-política de modernizar o país e um dos métodos mais utilizados fora a Eugenia.

Eugenia é um termo formulado por Francis Galton, fisiologista inglês, definido por estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente. (PEQUIGNOT Apud COSTA, 1989, p. 81).

Essas teorias eugênicas foram a expressão do racismo científico eugênico da Liga Brasileira de Higiene Mental; e ainda, dentro deste impressões racializadas e eugenizadas, algumas articulações governamentais brasileiras, da primeira metade do séc. XX, por viés de políticas públicas inseriam as técnicas e o conhecimento da psicologia nas políticas de aprimoramento, embranquecimento e desenvolvimento do material humano nacional, através das políticas educacionais, de saúde, de trabalho, de controle social, etc.(COSTA, 1989)

Cabe aqui fazer uma pergunta que dimensionará todo este trabalho. Por que redirecionar tendências paradigmáticas e epistemológicas?

Para tratar da forma de colaboração da Psicologia para descrystalizar este estigma é necessário considerar este histórico de ideais e idéias psicológicas. Bock *apud* Machado *et al.* (2005) coloca que durante anos no Brasil, assim como no mundo, a Psicologia contribuiu para a construção da lógica da exclusão na sociedade com essas teorias e

concepções naturalizantes que levaram a fortalecer idéias que camuflavam à realidade social brasileira; realidade de pobreza, preconceito e desigualdade.

A tradição histórica das idéias e dos ideais psicológicos e da Psicologia no Brasil é marcada pelo compromisso voltado para o controle, a higienização, a diferenciação e a categorização estigmatizadora entre brancos, negros, índios, deficientes, retardados, doentes mentais, aptos e inaptos, etc. Neste prisma veremos que essas idéias responderam abertamente aos interesses das elites e a um *status quo* social (BOCK, 2003).

Com o caráter de redirecionar a Psicologia como ciência, profissão e agente social e político, atualmente, esse campo de estudo quer responsabilizar-se do seu histórico papel “patologizador”, para ajudar a reverter esta dinâmica social de pobreza, estigmatizações e desigualdades. Para isto é necessário estar engajado em reflexões epistemológicas e éticas da Psicologia e estar em espaços em que haja esforço coletivo para isso, como mostra Silva (2005) ao colocar tal importância de discussão sobre os Direitos Humanos na Psicologia.

Para Bock (2007), falar de fenômenos psicológicos e de subjetividade é falar de sociedade. Subjetividade e objetividade co-existem numa relação dialética, constituindo uma a outra, afirmando que o mundo existe pela ação da atividade humana, assim como também, a atividade humana existe pela ação do mundo externo. A partir desta idéia, há a pretensão de superar visões que colocam os estigmas como intrínseco do sujeito negro com deficiência e entender que este foi e está sendo classificado negativamente por um processo sócio-histórico.

### **Raça/cor e deficiência como um efeito na subjetivação**

As relações sociais dentro do processo de socialização, está associado aceitação social que está muito relacionado com categorias de idealização de ser humano. Categorias que estabeleceram relações de poder que são hierárquicas, desiguais e excludentes.

A situação socioeconômica é um fator fundamental a esta análise e contextualização, porque existe uma aproximação acentuada entre negritude e pobreza no Brasil. Este ponto de vista mostra que, por determinações sócio-históricas, essas camadas mais pobres da população são constituídas por negros. Isto fica explícito quando, a Fundação Nacional de Saúde (2008) afirma que 65% da população de pobreza é constituída por negros, assim também como 75% da população de extrema pobreza, ou seja, abaixo da linha de pobreza.

Estes indivíduos encontram diversas dificuldades relacionadas aos serviços públicos (já que são menos viabilizados de poder monetário para a utilização de serviço privado), como por exemplo, o transporte público e as políticas de acessibilidade dentro de uma cidade como Salvador. Outra preocupação relacionada aos tais serviços é a educação pública que vive uma precariedade e uma desvalorização extrema, tornando difícil as possibilidades de inclusão educacional dos indivíduos com deficiências dentro dos parâmetros da Educação Regular. Há também outro entrave que passa por ordem pública que são as relações trabalhistas relacionadas aos fatores cor e deficiência. A saúde pública é um ponto fundamental para a nossa atenção.

Outro setor a ser observado e estudado, que merece cuidado é o da violência para com este público. Segundo Cavalcante e Minayo (2009) meio bilhão de pessoas com deficiência são as mais pobres entre os pobres como indicam alguns estudos epidemiológicos, há um maior risco de exposição à violência devido ao estigma, a crenças negativas, à falta de clareza sobre as incapacidades e desvantagens e à falta de suporte social.

Esta relação com a violência costuma estar associada a um ou mais fatores de risco, como pobreza, moradia precária ou falta de moradia, isolamento social, marginalização étnica, família monoparental, mãe adolescente, drogadição, alcoolismo, enfermidade física incapacitante, enfermidade mental, o que pode vir a configurar um perfil de "famílias multiproblemáticas" (CAVALCANTE e MINAYO, 2009).

A Psicologia pode ajudar na construção de um ambiente, mesmo que simbólico, para oferecer oportunidade de desenvolvimento pessoal, para que esses indivíduos possam transitar saudavelmente pelos seus papéis sociais.

Segundo Gonzáles Rey (2002), a Psicologia como ciência trata essencialmente de questões subjetivas, levando em conta a transformação social. E o estudo da História nestes questionamentos subjetivos para uma transformação social é imprescindível.

## **Metodologia**

Foi utilizada uma pesquisa exploratória de metodologia qualitativa, sendo esta a mais adequada, pois evidencia a face social dos problemas. É uma extensa pesquisa bibliográfica com aprofundamento no processo histórico de exclusão através dos ideais e idéias psicológicas. Na pesquisa de campo foi utilizado o procedimento da História Oral de acordo com Meihy (1998). Esta pesquisa contou a memória individual dos sujeitos entrevistados, trazendo a tona os sentimentos e informações pertinentes ao tema.

Foram entrevistados três sujeitos que se definiram como negros e com deficiência física, focando em pessoas com "paraplegia" adquirida, com idades entre 33 e 56 anos e escolaridade do ensino fundamental ao ensino médio. A escolha dessa população passa também por analisar nesta pesquisa que no estudo do histórico das idéias psicológicas, a deficiência física e a mental era mais evidenciada. No trajeto histórico, inicialmente os detentores do saber como os religiosos e cientistas enquadrava estes na imagem estereotipada de deficiência, por uma maior evidencia corporal de "anormalidade".

O local escolhido e estabelecido para o primeiro contato foi a uma instituição não-governamental específico para o público "cadeirante", cujo, alguns de seus usuários fazem parte do movimento social de acessibilidade.

Como instrumentos de pesquisa, foram realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado, registro em áudio, os processos de transcrições, conferências e análise do conteúdo. As técnicas de análise de conteúdo segundo Bardin (1995), também deram suporte a esta pesquisa, para localizar informações no discurso do sujeito(a) relacionada com sua história de vida como negro e com deficiência, com seus sofrimentos psíquicos, subjetividade, sua articulação como sujeito político. Será focado não somente o que foi comunicado (conteúdo manifesto), mas pretende-se ir além da linguagem para compreender outros possíveis significados.

Considera-se de vital importância o sigilo nominal dos participantes, com um princípio fundamental do aspecto ético, exigidos pela Resolução 196/96 do Ministério da Saúde e Resolução de Pesquisa do CFP (Conselho Federal de Psicologia).

## **Resultados e Discussões**

Ficou evidenciado que nos depoimentos registrados dos entrevistados a maneira de como cada indivíduo vivenciou e significou sua história de vida. Esses depoimentos estão relacionados à experiência de vida dos sujeitos e seu ponto de vista, em relação a aspectos

definidos a partir da leitura flutuante das entrevistas e a análise dos dados coletados evidenciaram diversos aspectos relevantes, para efeito do presente trabalho foram priorizadas três categorias de análise, a primeira passa pelo **sofrimento psíquico e auto-estima**, originado da condição social e existencial vivenciada no cotidiano e relatada pelo entrevistado; o segundo, intui refletir sobre sua **percepção da assistência a saúde, educação e relações de trabalho**; e o terceiro, está relacionado com a **imagem da Psicologia como ciência e profissão para estes sujeitos**. Esses dados foram analisados após reflexões e contextualizações históricas.

Em relação ao “**sofrimento psíquico/auto-estima**” observa-se aspectos relevantes expressos na fala do Entrevistado 1: “*É ele já se sente humilde. Ele já vai chegando ao lugar, já vai tentar procurar o cantinho dele, [quando] as pessoas passam, ele fica meio cabisbaixo, aquela coisa assim, já tem essa coisa. Eu falo que tem por que eu sofro esse tipo de coisa, está entendendo?*”

Neste relato fica evidente os conteúdos subjetivos ligados ao preconceito e a segregação são captados por uma linha de comunicação inconsciente e subjetiva, eles são conscientemente imperceptíveis caso não seja expressões explícitas e sim camufladas (SILVA, 2004).

Em decorrência de serem bombardeados constantemente por esse linha subjetiva permeadas de aspectos vivenciados nos processos históricos de humilhação provocados pelos preconceitos, há uma grande suscetibilidade desses indivíduos viverem no temor de serem focos de xingamento, diferentes olhares, gozações, piadas, falta de emprego, precárias condições de vida, etc. E como consequência disso acaba ocasionando um ódio de si próprio que podem ser observados através do processo de branqueamento (o desejo de ser e a valorização identitária daquilo visto como “de branco”), complexo de inferioridade, apagamento psíquico, doenças psicossomáticas e sofrimento psíquico (SILVA, 2004).

Quanto a “**percepção da sua assistência a saúde, educação e trabalho**” foi notou-se que as teorias eugênicas e racializadas se proliferaram no Brasil primeiramente através dos conhecimentos médicos e nas políticas de saúde enquanto produziam e utilizavam conhecimentos psicológicos. Essas idéias psicológicas eugenizadas e racializadas serviram de parâmetros nas políticas educacionais e segundo Bock (2003), posteriormente houve transporte dos conhecimentos desta psicologia educacional para as avaliações e seleções trabalhistas provenientes da Psicologia do Trabalho/Organizacional, políticas relacionadas as relações de trabalho.

Ao ser questionado sobre a diferenciação na assistência a **saúde** entre negros com deficiências e brancos com deficiências

*“É [porque] eu tenho um plano de saúde. Mas dá para eu perceber de uma clínica de meu bairro [pública] para uma clínica na Barra [privada], isso aí sim, agora mesmo eu já aprendi, graças a Deus com cinquenta anos eu aprendi para onde eu vou, eu não vou mais para uma clínica em meu bairro, não vou não, [...], vou numa clínica da Pituba, na Barra. [...] Você vê que é diferenciável entre brancos e negros. [...] E aí o que eu faço, eu não vou para lá também com uma roupa que eu estou usando em qualquer lugar, tenho que ir também lá no meu porte para ter aquela igualdade.”.(E1)*

Ou seja, perceptível a diferenciação e não se trata apenas de preconceito social, aparentar uma ascensão social pode amenizar, mas não resolve a manifestação do preconceito. Na educação o tipo de diferenciação vinculada a cor de pele nesse meio escolar também está presente.

*“eu lembro como hoje que já tinha esse destaque da branca, da negra entendeu, com a própria professora[...] eu sentia que eu queria agradar ela, eu me sentia meio excluído das coisas. Quem ia lá limpar o quadro lá naquela época era sempre o branquinho, era sempre o branquinho que estava sempre na primeira fileira ali” (E1)*

E a ausência de pessoa com deficiência no local de estudo também proporciona a falta de modelo para conviver com a deficiência

*“Na minha época não tinha nenhum colega assim que tinha deficiência [...], acho que até por causa disso mesmo que há trinta anos, essas pessoas [...] com certeza a própria família estava confinando dentro da sua casa. Por que se você for olhar por esse lado hoje ainda tem famílias que esconde seu deficiente [...], não quer mostrar para sociedade, só mostra quando tem que ir ao médico, o que tem alguma coisa assim...”(E1)*

Nestes relatos referentes as assistências proporcionadas aos serviços públicos é evidente uma sutil segregação na saúde e nos meios escolares ocasionada de uma desigualdade social. Desigualdade que aloca uma segregação social aos negros nos atendimentos periféricos, deficitários e sem visibilidade; e aos deficientes a uma exclusão social concreta expressada no enclausuramento domiciliar.

Com referência as limitações nas oportunidades trabalho, um Entrevistado colocou:

*“É, tem bastantes vagas para trabalho, tenho eu como diretor da [...], tem bastantes vagas, [...] mas não tem profissional competente por que já vem lá de trás a defasagem, já vem lá de trás o corte. Corte por quê? Não tinha transporte, não tinha escola adaptada, escola sempre de escadaria, [...] eu tenho vários colegas que não trabalha e não estuda [...], por que é deficiente físico e oito horas da noite, dez horas da noite não tem mais o transporte, eu vou estudar na sala de aula? [...] aí no retorno como é que vem se não tem o carro adaptado?” (E1)*

É explícita a vulnerabilidade sócio-econômica vivida, levando em consideração essas dificuldades de qualificação e empregabilidade, levando-os a ficar a mercê de uma pensão governamental insuficiente para suas necessidades básicas, que resulta na impossibilidade de exercer seus direitos, já que para receber este benefício há restrições para trabalhar.

Quanto a **imagem da Psicologia como ciência e profissão para estes sujeitos**, observou-se dois aspectos distintos:

*“O [psicólogo]? Ele arruma a casa direitinho, [...], até para a minha família mesmo eu levo isso, eu levo isso que eu aprendo aqui e não tem jeito, se não aprender não é... É sinal que está sendo muito bom para mim a Psicologia aqui na [instituição] está sendo muito bom.”.(E1)*

Está evidente alguma relevância da Psicologia neste indivíduo, entretanto não é possível a partir apenas desse relato conhecer se a atividade proporciona uma possibilidade de autonomia do sujeito ou se trata de uma perspectiva de adaptação do sujeito.

Já para outro Entrevistado a Psicologia

*“Para mim não influencia muito não. [...] É por que meus fantasmas eu guardo comigo mesmo, eu não sou muito de botar para fora não. Então eles ficam lá, e eu acho que com o tempo eles vão enjoando da minha cara e vão sumir da minha vida...” (E2)*

Neste caso observa-se que a utilização da Psicologia como ciência e profissão para este indivíduo seria uma possível ferramenta importante e para ele possa estar subsidiado na superação de seus fantasmas.

E o terceiro Entrevistado colocou que nunca teve um acompanhamento psicológico, mas relata a sua impressão positiva a cerca da Psicologia. *“Eu acho que a Psicologia serve para deixar a gente mais atento, para deixar você com uma visibilidade melhor, para você conhecer uma pessoa melhor talvez, ou ver como funciona uma coisa melhor”*(E3). Contudo, admite que não ter o mesmo ponto de vista a cerca dos seus profissionais, quando esse conta:

*“Rapaz, a impressão... eu sinto que muitas vezes que ele vai até castigar a gente [...]. Eu não sei, o Psicólogo ele conversa com a gente, as vezes quer colocar até palavras na boca da gente. Eu já estive conversando com um lá do [instituição], as vezes até as perguntas que ele faz, para mim responder é fácil, mas as vezes dá branco, e aí é que o nervoso pega não tem jeito.”* (E3)

Os relatos sobre a Psicologia e os psicólogos estão para estes indivíduos em diferentes posições: falta de estabelecimento de vínculo efetivo, como mostra o último entrevistado. E outro aspecto importante neste último relato, é que mesmo estando a mais de uma década sendo usuário de um instituto direcionado ao público com deficiência motora e que é gerido majoritariamente pelo SUS, ainda não teve a disponibilidade de utilizar da Psicologia em prol de si mesmo. Ou, seja, a Psicologia e seus profissionais ainda não estão totalmente acessíveis, as entrevistas também não revelaram qualquer tipo de intervenção direta sobre o sofrimento psíquico originado de preconceitos relacionados com o racismo e a deficiência.

### **Considerações finais**

A perspectiva possível para a Psicologia está relacionada às possibilidades de trabalho dos psicólogos(as) junto às populações marginalizadas historicamente, pois é imprescindível o acolhimento para a ressignificação da identidade positiva, assim como, no auxílio da desinstitucionalização de paradigmas de exclusão que ainda hoje resistem em vigências.

Para não se perder neste caminho, é importante focar nos princípios dos direitos do ser humano, na noção de subjetividade na diversidade e multiculturalismo, para que se possa melhor estar comprometido com o social e as políticas públicas e cuidar da formação acadêmica, ou seja, buscar trazer para o cotidiano desses graduandos a atuação da prática profissional e a pesquisa.

Este trabalho salientou a importância de informar e produzir referências sobre a imagem dos entrevistados em relação a Psicologia, e os psicólogos(as). Evidenciou a necessidade da psicologia estar ao alcance desse público específico de forma mais sensível para o seu sofrimento. E a necessidade de não apenas proporcionar esta atenção, acolhimento cuidadoso a este público e auxiliar na sua inclusão social, mas também de dar a devida atenção a nossa origem para que possamos compreender nossa contribuição atual na Sociedade, e de definir novas possibilidades de atuação.

## REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Carmen. **Veículos adaptados garantem independência aos deficientes:** Isenção de impostos compensa preços altos cobrados por empresas. Diários: Aqui Salvador, 07/05/2007. Disponível em: <[www.correiodabahia.com](http://www.correiodabahia.com)>. Acesso em: 13/04/2008.

BARDIN, L, **Análise de Conteúdo**, Lisboa, Edições 70, Portugal.1995.

BOCK, Ana Mercês. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOCK, Ana Mercês; Gonçalves, Odair Furtado (orgs). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** – 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CAVALCANTE F.G. e MINAYO M.C. Representações sociais sobre direitos e violência na área da deficiência. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.14, n.1. Rio de Janeiro, jan./fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 17/03/2009.

COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil:** um corte ideológico. Rio de Janeiro: 1989.

BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Saúde da população negra no Brasil:** contribuições para a promoção da equidade / Fundação Nacional de Saúde. - Brasília: Funasa, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada; Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes – 4ª ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZÁLES REY, Fernando L.. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

IBGE. **Banco de Dados Agregados**. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05/10/2007.

MACHADO *et al.* **Psicologia e Direitos Humanos:** Educação Inclusiva e Direitos Humanos na Escola. São Paulo: Casa do Psicólogo: DF, Brasília, 2005.

MEIHY, J.C.S.B, **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

SILVA, Marcos Vinicius de Oliveira. *A psicologia, os psicólogos e a luta pelos direitos humanos:* Reflexão à ação. In: **Psicologia e Direitos Humanos: Educação Inclusiva e Direitos Humanos na Escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo: DF, Brasília, 2005.

SILVA, Maria Lucia da. *O Preconceito Racial Humilha, a Humilhação Social Faz Sofrer:* Reflexão Sobre a Construção Psíquica do Sujeito Negro. In: **Psicologia e Direitos**



**Humanos:** Subjetividade e Exclusão. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília. DF: Conselho Federal de Psicologia, 2004.